Ano XX — TAVIRA, 15 de Novembro de 1953 — N.º 1.010

Biblioteca Nacional — Depósito Legal

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA (AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR
ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS
Série de 10 números — No concelho de Tavira . . 8$00
» » 10 » — Para outras localidades . 9$90
Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

Engenheiro Duarte Pacheco

Glória do Algarve

Um Grande Português

Professor e Director do Instituto S. Técnico	1927
Ministro da Instrução Pública	1928
Ministro das Obras Públicas e Comunicações	1932 - 1936
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa	1937
Ministro das Obras Públicas e Comunicações	1938 - 1943

«Desinteressado até à renúncia, rindo com a pobreza ou a modéstia dos recursos próprios, resignado ante a incompreensão ou as reticências e indiferente ante a ligeireza com que em geral se aprecia entre nós o homem público, tinha no entanto absoluta confiança no sentimento de gratidão do povo diante de um Estado que deixou de ser uma abstracção ou um estorvo, para tomar decididamente a peito servir o real, o tangível interesse de todos». — **Salazar**

por Luís Sebastião Peres

ENGENHEIRO Duarte José Pacheco, «Vida que foi constante afirmação, uma esperança que a Morte levou», recebe a consagração das Câmaras do País pela sua grandiosa obra realizada, na linda vila de Loulé — sua terra natal — com a inauguração do seu monumento, na próxima segunda-feira, dia 16 do corrente.

O engenheiro Duarte Pacheco pertenceu à plêiade da regeneração começada em 1928.

Na de 1851, foi estrela de primeira grandeza o também engenheiro António Maria de Fontes Pereira de Melo.

Dotados ambos de energia, de vontade indomável e de lucidez de espírito rara, crentes na regeneração da Pátria e fortes nestas suas virtudes, deram-se de corpo e alma, cada um na sua época e nos momentos oportunos, à difícil tarefa de fazer ressurgir a Nação.

Diferentes foram só nas épocas em que viveram e nos anos em que durou a sua passagem por sobre a Terra. Um viveu 68 anos, de 1819 a 1887; outro, sòmente, de 1900 a 1943.

* * *

Chorou a Pátria a morte do engenheiro Duarte Pacheco, com razão, porque ele representava as afirmações do presente, pelas provas já dadas, e as esperanças do futuro, porque dele era legítimo esperar novos e proveitosos esforços em benefício da Nação.

O engenheiro Duarte Pacheco — «imarcessível glória do Algarve» — terá, dentro de algumas horas, em romagem sincera e de inteira veneração, na sua terra: Loulé — terra deste Portugal que o seu poder de dinâmico e gigantesco realizador rejuvenesceu e engrandeceu — a homenagem dos seus concidadãos, vindos de todos os pontos do País, dessas vilas, aldeias e cidades onde a sua imaginação construtiva tornou possível melhoramentos que, para muitas delas, não passavam de um sonho.

Justíssima, pois, a homenagem que o País vai prestar a quem, sendo orgulho de Loulé e do Algarve, foi honra da Nação!

Vivendo sempre em estado de alta tensão intelectual; com uma aptidão prodigiosa para se agitar no meio dos números, dos dados, dos planos, dos incidentes múltiplos que a vida faz surgir a cada momento; de uma actividade animada por ideias-forças metòdicamente orientadas para fins deliberadamente escolhidos; compreensivo, sagaz, sensível, entusiasta, dando-nos o exemplo raro e nobre de uma existência sempre ligada a uma convicção, Duarte Pacheco passou a sua vida em labor contínuo ao serviço da Pátria.

Graças a esta individualidade, onde o talento e a energia se igualaram, a política do Estado Novo teve quem a completasse dignamente no campo das obras públicas: estradas, pontes, águas, escolas, portos, pousadas, trabalhos de urbanização, edifícios hospitalares e melhoramentos de toda a ordem.

A política de reconstrução nacional operada pelo Governo de Salazar, encontrou em Duarte Pacheco o Homem que lhe deu realização no campo dos melhoramentos públicos, necessários ao fomento e ao progresso do País.

Loulé — Rua Eng. Duarte Pacheco

Verdadeiro Homem de Estado, a quem Deus dotou com superior inteligência, excep-

Continua na 2.ª página

Acerca da origem da Civilização

por Damião de Vasconcellos

A LEMURIA foi, segundo os sábios, o primeiro continente da Terra e, além disso, foi o berço do mais rico tesouro da ciência, antes da Atlântida.

Estava situada na actual Oceania, cujos numerosos arquipélagos são restos daquele imenso continente destruído por violentas e fortes convulsões sísmicas.

Ali viveu Ramá, o *Grande Antepassado*, o primeiro fundador da Religião; e Ramá quer dizer *aquele que se faz amado*.

E uma das provas desta afirmação dos sábios é que em certas regiões da Oceania se encontram templos anteriores a todas as recordações religiosas. Naquela religião primitiva, adorava-se o Sol, o Fogo, seu filho e representante na Terra, a Lua, esposa e irmã do Sol, e os astros, em especial a estrela da manhã e da tarde. Era o culto astrolátrico, ou Sabeismo, fonte e origem de todos os cultos posteriores.

E a ilha de Java tornou-se, relativamente à ciência e à religião, a metrópole dos países vizinhos, até à destruição de Majpahit, cidade cujas ruínas assombram os viajantes e que nos séculos anteriores havia sido uma metrópole de que dependiam 25 reinos.

Os templos e túmulos java-

(Continua na 2.ª página)

Uma amizade atlântica

António Emílio Gomes

O TEMA começa a estar um pouco indigesto.

Mas porque não é antipático, em honra às suas raízes profundamente afectivas, nem anacrónico, devido à indiscutível actualidade que a real efectivação de uma aliança latente pode justificar e a urgência dessa concretização eloquentemente explica, parece-me lícito esperar do paciente leitor alguns momentos de atenção a duas palavras apressadas acerca das relações entre Portugal e o Brasil.

Para lá da variedade infindável de lugares-comuns que costumam emoldurar as referências, mais ou menos panorâmicas, aos dois povos, temos de concordar na íntima ligação destas pátrias da mesma língua, oceano igual, costumes parecidos, qualidades afins e defeitos por vezes também semelhantes.

A identidade assim afirmada não conseguirá, em boa norma, surpreender ninguém porque, estratosfèricamente distante do subjectivismo deste pensamento, surge como facto iniludível a quem, obectivamente, encare o problema.

Não é só a razão histórica a impôr-se, por muito ponderosos que fossem os seus argumentos.

Há um motivo mais forte, como tudo quanto é imprescindível à vida, e bem pesado, por sinal: o inapreciável capital humano da nossa contribuição ininterrupta para o progresso material-espiritual da terra brasileira.

Os juros que revertam desse nosso aliás nem sempre forçado sacrifício humano, jamais atingem a craveira de uma compensação bem merecida, porquanto, como todos sabemos, em regra vai trabalhar para o Brasil o que de melhor por aqui temos e não só no aspecto físico.

Também moureja por lá, ganhando honradamente o pão de cada dia, enaltecendo seus valores morais, muito homem de talento nas artes, literatura e no jornalismo.

Verdadeira continuação lusíada, para além deste nosso mar que não separa, antes aproxima, o Brasil é, em muitos casos, uma pátria livre, presa pelos tradicionais laços do coração português.

Quanto menos se distanciarem a garbosa diplomacia oficial e a realidade popular, tanto melhor,

Aqui há alguns anos houve quem, numa subtileza de espírito crítico, chegasse a comparar as relações luso-brasileiras a namoro mal correspondido.

Parece que se vai progredindo no bom caminho.

E recentemente surgem três públicos testemunhos dessa convicção, a começar pelo convénio que cria em S. Paulo um «Instituto de Estudos Portugueses», passando à viagem ao Brasil do Comandante Américo Tomaz e a acabar no significado evidente da nomeação de Olegário Mariano para Embaixador em Lisboa.

Esperemos assim que a cultura, a gentileza e a poesia sejam como que nova trindade prometedora para o tão decantado intercâmbio luso-brasileiro.

Por esse Mundo fora...

No discurso do trono, pronunciado na Câmara dos Lordes, Isabel II da Inglaterra salientou que «trabalharemos, constantemente, de harmonia com os Estados Unidos e também com os aliados na Europa Ocidental, para promover a unidade e o bem-estar europeu, esperando ver o estabelecimento próximo da Comunidade Europeia da Defesa».

Segundo as próprias palavras de Eisenhower, a nota soviética, que responde à ocidental, recentemente dirigida ao Kremlin, não manifesta nenhuma intenção de participar numa conferência, mas sim a de suscitar o maior número possível de dificuldades, impondo condições inaceitáveis relativamente a alguns dos principais problemas.

Pinay e outros deputados enviaram uma carta a colegas de vários grupos do Parlamento, expondo «a gravidade da situação em que o país se encontra» e manifestando o desejo de se lançarem as bases de uma política para conduzir o país a um progresso social e económico, bem como ao prestígio internacional.

Numa alocução durante a audiência que concedeu aos médicos que tomaram parte na XVI sessão do Secretariado Internacional de Documentação de Medicina Militar, Sua Santidade afirmou que a ciência não é um bem quando existe a intenção perversa de a empregar para prejudicar os outros, para lhes causar mal injustamente.

Imparcial

Notícias Militares

No passado dia 9, visitaram os Aquartelamentos desta cidade os srs. Tent. Cor. Armando do Espírito Santo e Major João Rosado da Silva Rijo, respectivamente Comandante e 2.º Comandante do Batalhão de Caçadores n.º 4, e Sr. Capitão do C. E. M., Hermes da Fonseca, que veio especialmente de Lisboa para este fim.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

16 NOV. 1953

Acerca da origem da Civilização

Continuação da 1.ª página

neses rivalizavam com os do Egipto e da Índia. As magníficas ruínas do grande templo de Brambanam e de Loro-Jongram encerram figuras em baixo relevo e em côncavo; a pouca distância deste último jazem os Schandi-Siva, ou mil templos, montão enorme de colunas e estátuas, com inscrições em sânscrito, em Kavi, em javanês antigo e outros idiomas.

O mais antigo escrito da civilização javanesa é o poema cosmogónico *A Canda*, contendo a narração da luta das divindades indianas com as do país, personalizadas em Watu-Gemoneb.

Segundo as tradições brahamânicas, a Civilização teria começo sobre a Terra há 4 milhões de anos antes de Cristo, com a primeira raça Vermelha, no continente austral, a Lemuria, como disse, quando a Europa e uma parte da Ásia estavam ainda sob a água, o mar de Thetis — o período glaciário, na época quaternária. E as mitologias falam também duma raça anterior de gigantes.

Nas idades ante-históricas, a causa primária da religião foi o fogo do relâmpago, do trovão, do raio, a homenagem às forças naturais, tais como o vento, o arco-iris, etc. Era uma religião que correspondia à primeira religião espiritualista, à do culto da luz.

Mas o raio era um fogo escondido na nuvem que com ela se elevava nos ares. Mas era preciso um deus que durasse mais tempo no espaço e adorou-se o Sol, fogo do Céu, e a chama produzida pela fricção do silex, ou tábuas secas e resinosas, como se fora a centelha do Sol descida. E assim se creou e adorou o Fogo, filho do Sol.

O culto do Fogo estabelecera-se e enraizara-se por largos e dilatados anos e o homem, quando mudava de terra, levava religiosamente o fogo sagrado da terra natal.

Nas sociedades primitivas, o culto sagrado do Fogo tem a sua origem na dificuldade de obtê-lo: daí o respeito que lhe consagravam. Quando, por ventura, se extinguia, aos filhos do rei competia reacendê-lo.

O Sol foi adorado em todas as religiões da antiguidade como único deus visível e o único compreensível, luz do mundo visível, luz do mundo invisível.

O primeiro culto do homem foi, portanto, o do Sol. Este culto natural e racional, porque corresponde à realidade das coisas, forma a base de todas as religiões.

Este culto era o dos primeiros povos na época recuada em que os homens ainda não haviam descoberto o meio de obter o fogo. E as velhas lendas da China remontam ao tempo em que os homens viviam sobre as árvores, sem conhecerem o uso do fogo. Nas antigas lendas fenícias, a arte de produzir o fogo, filho do Sol, é colocada no período que se seguiu à selvajaria primitiva. E assim foi, pouco mais ou menos, em todos os povos da antiguidade.

O fogo solar foi adorado depois. Culto muito natural e por forma alguma absurdo. Hoje, a ciência vê-se obrigada a reconhecê-lo, pois que o nosso planeta tem a sua origem no Sol, que toda a força é uma transformação do Sol, que a planta que alimenta os nossos fogões é Sol armazenado, que a locomotiva marcha por causa do Sol que dorme nas camadas subterrâneas do carvão da terra, que o cavalo tira a sua força dos vegetais que o Sol produz, que o resto do trabalho sobre o nosso planeta se reduz à elevação da água, que é obra directa do Sol. Antes que a religião chegasse a colocar Deus Absoluto, um único culto foi razoável e científico, o do Sol.

E, pouco a pouco, o homem foi adquirindo o dom da abstracção, da generalização, da analogia, e o Fogo, filho do Sol, é colocado no período que se seguiu à selvageria primitiva, como disse.

A ideia de Deus é, pois, originária do simples conceito do Sol, esse corpo luminoso que tão grande influência exerce na vida do homem e em toda a natureza.

Portanto, a Civilização tem origem no sentimento religioso, no conhecimento religioso, no conhecimento de Deus, do Criador; e todas as fórmulas religiosas, depois do culto solar, são caminhos que conduzem a Deus, Causa sem causa de todas as causas, que se manifesta na Natureza infinita, no Cosmos, no infinitamente grande, como no infinitamente pequeno, ou seja no Macrocosmo e no Microcosmo.

Mas — há sempre um *mas* nestes assuntos transcendentes — de há anos que tem sido alvo de largas polémicas o saber-se, ao certo, qual foi o primeiro culto; se o do Sol, se o da Lua. Em vão se tem tentado chegar a acordo a tal respeito, pois vários argumentos de peso e o valor científico se têm apresentado de parte a parte, mantendo-se as divergências no mesmo pé de intransigência.

Por minha parte, e sem querer armar em sábio, permito-me afirmar que a origem da Civilização, ou seja o primeiro culto, vem da adoração do Sol, pelos motivos atrás expostos e pelos que se seguem.

Dizem os sábios que a Lua se aproximou, só tarde, do nosso céu planetário; que ao aproximar-se houve uma grande convulsão sísmica que afundou a Atlântida e a Lemuria, muitos séculos antes de Cristo; que os Atlantes tinham uma grande civilização, tendo invadido regiões do Mediterrâneo e do Médio-Oriente; que os Sumérios (junto do Eufrates) foram os continuadores da civilização dos Atlantes; que a Civilização partira em parte da Atlântida para a Europa e a Ásia, através da Península Ibérica; que os Sumérios atribuiam à Lua o afundamento da Atlântida e dos Atlantes, seus antepassados e, por isso, ergueram em Ur a pirâmide Ziggurat, de 7 pavimentos, ao *deus-lua Manar* (e que é descrita por Herodoto); que os Pelasgos (os primitivos gregos e italianos) denominaram a Lua: Selene; e os habitantes da Lemuria ou Gondvana (que se afundou quando a Lua se aproximou do nosso céu, como disse): pré-selénios, isto é, habitantes *anteriores* à Lua; que as pirâmides dos Aztecas e dos Maias, no México, os nomes de Atlanta, Atlante, etc., de muitas terras nos Estados Unidos e na América Central; o encontro de uma tribu de índios brancos na Venezuela; a semelhança da língua dos índios americanos com a língua dos Sumérios, etc., provam que a Lemuria e a Atlântida existiram.

A Lua seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos que o globo efectuava em torno do Sol; o manancial das forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe terrestre nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo actuaria decisivamente no drama infinito da Criação e da reprodução de todas as espécies, nos vários reinos da Natureza.

Dizem os sábios que a Lua só tarde se aproximou do nosso planeta e desde essa época só reinará, ou existirá, 7020 anos, e cujo término será em Março de 1981. Aí, então, extinguir-se-á a Lua ou, talvez, a sua influência planetária e electro-magnética — o nosso ciclo. A Lua já existia, mas estava afastada de nós, pois que apareceu a seguir ao Sol no quarto *dia* da Criação. (Génesis, 1-16)

E a aproximação da Lua da Terra provocou grandes marés e inundações, dando então causa à submersão da Lemuria e da Atlântida; e idêntica submersão de continentes se dará quando a Lua, nova-

(Continua na 3.ª página)

Cartas ao Director

Do sr. Júlio Galhardo recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do jornal «Povo Algarvio»

Creia V. que ao dirigir-lhe a presente carta, pela qual ouso manifestar públicamente aquilo que é do conhecimento de quase todos os tavirenses e de muitos forasteiros que são, naturalmente, forçados a utilizar os precários serviços da estação dos C.T.T. desta cidade, faço-o como resultante do que hoje se passou comigo na referida estação, e que, aliás, de há muito sucede.

Entrei ali pelas 14,20 horas. Encontrava-se de serviço, nessa altura, apenas uma funcionária que atendia o telefone na cabine própria. Aguardei que aquela senhora se despachasse e viesse ao balcão, facto que só se verificou passados momentos.

Uma vez atendido, saí, para voltar 1/2 hora depois a fim de fazer um registo. E, com surpresa, constatei que me encontrava em 14.º lugar, depois de atendidos os vales de correio, despacho de encomendas, selos, postais, telegramas e valores declarados pela infeliz funcionária que, com a maior das boas vontades, procurava conseguir que cada um dos presentes não perdesse a paciência.

Voltei vinte minutos mais tarde e a cena não sofrera qualquer alteração para melhor; antes pelo contrário, o número de pacientes aumentara.

Fui então forçado a desistir de fazer um simples registo pelo facto de ter verificado, num período de duas horas consecutivas, que os C.T.T., na pessoa de quem os dirige, não desejam que se atendam aqueles que, por casual infelicidade, são forçados a recorrer aos seus serviços.

E digo não desejar atender, pelo facto de ser perfeitamente incompreensível que a estação dos C.T.T., numa cidade, tenha em certas ocasiões o mesmo pessoal ao serviço que qualquer aldeia sertaneja.

É para lamentar que se adopta tal critério, com prejuízo notório do público e dos próprios funcionários, que, em tais circunstâncis e no desempenho da sua missão incorrem fàcilmente em erro.

Sem dúvida que os dirigentes dos C.T.T. desconhecem o que se passa nesta estação; mas quero crer que, após os estafados inquéritos que deverão surgir, tudo continue como dantes, pela forma já habitual.

E demais, veremos...

Com os meus cumprimentos, creia-me de V., atenciosamente,

Júlio Galhardo

Eng. Duarte Pacheco

Continuação da 1.ª página

cional visão e admirável capacidade realizadora — um Homem que, com prejuízo da sua saúde, comodidade e interesse se devotou exclusivamente ao alto cargo de Ministro das Obras Públicas, sem outro objectivo que não fosse o Bem da Nação!

* * *

Duarte Pacheco — um grande Ministro — ao iniciar as obras que idealizou, tinha sempre os olhos postos no futuro, pois possuía, como poucos, uma visão extraordinária — senão vejamos as majestosas e imponentes Avenidas de Lisboa, que traçou e mandou rasgar, o Instituto Superior Técnico, o Aeroporto de Lisboa e o Estádio Nacional, obras que, de início, se dizia serem grandes de mais para o nosso País, para, pouco depois, provar-se não serem tão grandes como era necessário.

Na Estrada Marginal, que tantas vezes percorreu; no monumental Viaduto de Alcântara, que visitava frequentemente; nas obras de Hidráulica Agrícola, de tão larga projecção; nos Bairros Económicos, de tão elevado alcance social, Duarte Pacheco, rodeado de técnicos e capatazes, dava uma sugestão, discutia um pormenor, «sentindo-se feliz» quando via a utilidade do melhoramento em que se tinha empenhado.

Os anos de 1939 e 1940 foram de excepcional actividade. A Presidência do Conselho tinha publicado o programa das Comemorações Centenárias e o Ministro Duarte Pacheco passava os dias em Belém, a estudar, a projectar, a realizar a Exposição do Mundo Português!

E tudo foi feito não só com ordem e disciplina, mas com um dinamismo contagioso que tinha a virtude de transformar os colaboradores em amigos.

A cidade de Lisboa — esta Lisboa de que tanto nos orgulhamos — ocupou sempre lugar de destaque nos benefícios que ficou devendo ao seu penúltimo Presidente do Município.

E, assim, surgiram as ideias da magnífica artéria que é a Alameda D. Afonso Henriques e de todos os arruamentos que hoje vemos, ligando a velha zona do Arco do Cego com a de Almirante Reis e do Alto do Pina, formando um conjunto que é motivo de orgulho para os lisboetas. Testemunho inequívoco de que, desde o início da sua carreira, sempre o Engenheiro Duarte Pacheco mostrou o seu grande amor por Lisboa e o seu vivo desejo de a ver bela e engrandecida.

Duarte Pacheco ficará na história da cidade de Lisboa como um nome de fulgor pombalino.

Tantos e tantos foram os melhoramentos que a sua capacidade realizadora fez surgir no Império Português, que nem uma aldeia sequer escapou à sua influência construtiva.

Foi ainda Ministro da Instrução, onde, apesar da sua curta permanência, deixou bem notados os seus méritos.

* * *

Vai decorrida uma decada que desapareceu da vida; e, no tumulto de acontecimentos internos e externos que prendem todas as atenções, o seu nome anda na boca de todos, a sua imagem não se desvaneceu na memória dos portugueses.

«A sua força anímica não se extinguiu nem se extinguirá tão depressa», como escreveu António Ferro.

«A sua alma continuará a viver na marcha triunfal da sua obra».

Quanto não teria Portugal a esperar, ainda, desse Homem, desaparecido na flor da idade, que fizera pelo Bem e Progresso de nós todos, em 43 curtos anos de vida terrena, mais, muito mais do que gerações e gerações anteriores!!

Quando o futuro, o grande revisor das reputações, puder avaliar, sem paixões, através daquele crepúsculo que a todos atinge inevitàvelmente, a sua obra admirável, verá em Duarte Pacheco, como na palavra clássica aplicada a uma grande figura do passado: «um destes homens que honram uma pátria!»

Lisboa, Novembro/953.

Luiz Sebastião Peres

Bilhetes directos

para utilização do Caminho de Ferro e Camionagem combinada

Todas as estações de caminho de ferro vendem, para comodidade do público, bilhetes directos para muitas localidades servidas pela camionagem combinada.

Comprando tais bilhetes usufrui vantagens de lhe ser assegurado lugar nas camionetes que dão ligação aos comboios.

«CHARRETTE»

Vende-se na Horta das Canas — Atalaia — Tavira.

Gabardines, Sobretudos Canadianas e Impermeáveis

TRINCHEIRAS

A grande marca americana «SLAV», apresenta os seus novos tipos para o ano de 1953 - 54

Modelos práticos, elegantes e impermeáveis

Vestuário de Cabedal

Capas, casacos e blusas de cabedal para a cidade, automobilistas e motociclistas

A mais antiga marca

Os mais baixos preços

VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES MENSAIS

AGENTE:

CASA «UNIL»

Rua Estácio Veiga, 19 — TAVIRA

Acerca da origem da Civilização

Continuação da 2.ª página

mente em Março de 1981, se aproximar da Terra e o seu disco aparecer 11 vezes maior que o Sol, o que provocará grandes marés e inundações e «haverá grande aperto das Nações pelo bramido do mar e das ondas», como nos diz S. Lucas, 21.

E o aparecimento da Lua deu origem ao seu culto, que substituiu o do Sol, então dominante.

E Hanon (navegador cartaginês que empreendeu o périplo da África, século V a VI antes de Cristo) esteve no Promontório Sacro e viu os *ossos* de Hércules (o Sol) e o mesmo se diz dos fenícios quando chegavam ao mesmo local. Isto deve interpretar-se do modo seguinte: que no Algarve o culto do Sol tinha sido substituído pelo culto da Lua, e da mesma forma na Península Ibérica.

Posto isto, creio que fica demonstrado que ao culto solar sucedeu o culto lunar, ponto até hoje debatido pelos sábios.

As mais antigas tradições aludem a uma dinastia solar e a uma dinastia lunar. Os reis da dinastia solar pretendiam descender do Sol, ou do Fogo; os outros diziam-se filhos da Lua. Essa linguagem simbólica encobria, porém, duas concepções religiosas opostas, significando que essas duas categorias de soberanos se ligavam a dois cultos diferentes.

O culto solar dava ao Deus do Universo o sexo varonil. Agrupava-se em volta dele tudo o que havia de mais puro na tradição védica: a ciência do fogo sagrado e da oração, a noção esotérica do Deus supremo, o respeito da mulher, o culto dos antepassados, a realeza electiva e patriarcal.

O culto lunar atribuía à divindade o sexo feminino, sob o signo do qual as religiões do ciclo ariano têm adorado sempre a Natureza, e, a maior parte das vezes, a Natureza cega, inconsciente nas suas manifestações violentas e terríveis. Este culto propendia para a idolatria e para a magia negra, favorecendo a poligamia e a tirania, apoiados nas paixões populares.

Era o estado matriarcal, onde a mulher era a vontade suprema e o primeiro culto, foi a primitiva organização social, que mais tarde se transformou no paganismo greco-romano; e o próprio mistério sexual deu à mulher o prestígio de deusa. Nos estudos de arqueologia mediterrânica que se estendem até ao Atlântico ao norte do Equador, as imagens primitivas, qualquer que seja o seu significado, são intencionalmente femininas.

Dessas imagens, dessas deusas, a deusa suprema era a Lua, irmã e esposa do Sol. Era a Lua, especialmente, a deusa dos amores, da vida amorosa, sexual.

Os homens adoravam a Lua debaixo do nome de Luno, assim como as mulheres debaixo do de Lua.

Na Síria e na Mesopotâmia, a Lua adorava-se como um deus e nunca como deusa. Esta crença tinha-se ali acreditado por uma ideia singular, a qual nos conservou S. Jordiano. É, diz ele, que se cria constantemente que aqueles que tomavam este Astro por uma deusa e não por um deus, seriam por toda a vida escravos de suas mulheres, mas que, ao contrário, aqueles que a tivessem por um deus, seriam sempre os senhores.

Os Palmirenos adoravam a Lua debaixo do nome de Malachbelos e representavam esta divindade por um homem com meia lua sobre as costas, querendo dizer que o culto da Lua era superior ao do Sol.

Houve terríveis lutas entre os filhos da Lua e os do Sol, vencendo os filhos da Lua — as mul.eres.

Mais tarde reconciliaram-se esses dois cultos solar e lunar, em conflito, devido a um homem divino que foi o verdadeiro criador da religião nacional da India, o genial Crisna que lançou a doutrina nova, duma importância imensa: a do verbo divino, ou da divindade incarnada e manifestada pelo homem. E Crisna foi o primeiro dos Messias, filhos de Deus.

E neste passo imenso, dado no caminho do Progresso, se consolidam, digamos assim, a Civilização, cuja origem vimos atrás, em traços rápidos.

Damião de Vasconcellos

Informações

Na escola masculina de Tavira foi criado o 7.º lugar e um posto escolar misto, em Monte-Gordo.

Aparelhos de T. S. F.

Em 2.ª mão, vendem-se dois, em bom estado, baratos, sendo um de baterias e outro para ligar à corrente.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

No sítio da Calada, um bocado de fazenda, que consta de sequeiro e regadio, tanque, nora e prédio para morar e para negócio.

Tomar informações com Gregório do Nascimento Gonçalves, no referido local, e tratar com José dos Santos da Quinta, sítio da Foz.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Menina Maria Suzel Assunção Gaspar e o sr. Jaime Sezinando Monteiro Baptista.

Em 16 — Srs. Rui Armando Martins da Costa, João dos Santos Rodrigues e Francisco Rodrigues Costa.

Em 17 — D. Maria Vitória Silva Lopes, Mlle. Maria Odete Marques Galvão, menina Maria Isabel da Conceição e sr. Mateus Marques Teixeira d'Azevedo.

Em 18 — D. Maria Alda da Silva Soares, e sr. José de Oliveira.

Em 19 — D. Irene da Conceição Pereira e sr. Gilberto da Costa.

Em 20 — D. Maria Gabriela Padinha Contreiras Pinto Coelho, menina Maria Ribeiro Rosa, D. Maria da Conceição e sr. Joaquim António da Silva.

Em 21 — D. Maria Luísa da Silva Modesto, srs. Augusto de Brito Temudo e António José Correia.

Partidas e chegadas

Em serviço militar partiu para a India Portuguesa o nosso prezado assinante sr. Leonardo João da Silva, furriel, residente em Beja.

— Acompanhada de seus filhinhos, encontra-se nesta cidade, em casa de sua mãe, a sr.ª D. Odília Branquinho da Silva.

Casamento

Na igreja de Nossa Senhora da Saúde, celebrou-se, no passado dia 7 do corrente, o enlace matrimonial do sr. José Fernando Chagas Cansado, com a sr.ª D. Maria José de Brito Gago, filha do sr. Francisco José Gago, proprietário e de sua esposa sr.ª D. Maria de Lourdes Brito Gago.

Apadrinharam o acto por parte do noivo, seus pais, sr. José Pires Cansado e sua esposa sr.ª D. Maria do Carmo Vizeto Chagas Cansado; e por parte da noiva, o sr. José de Mendonça Santos e sua esposa sr.ª D. Maria das Dores Neves Ponce Santos.

Necrologia

No dia 11 do corrente, faleceu na freguesia de Santiago, no sitio de São Pedro, o sr. José Gago, de 79 anos de idade, proprietário, natural de Santo Estêvão. O falecido era casado com a sr.ª D. Maria das Candeias, e era pai do sr. José Aniceto Gago, proprietário, residente no mesmo sitio.

O seu funeral que se realizou no dia 12 do corrente, foi muito concorrido.

A' família enlutada endereçamos sentidos pêsames.

VENDE-SE

Prédio, com 6 divisões, casa debanho e terraço, na Rua José Joaquim Jara, n.º 48. Propostas ao sr. Professor Ventura Angelo Ladeira.

Vende-se

Boa propriedade, denominade «A Capelinha», no sítio da Capelinha, com boa terra de semeadura, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras. Servida pela estrada da Capelinha e pelo caminho do Almargem. Bom rendimento.

Nesta redacção se informa.

Agenda Astrológica

Indispensável na sua carteira, a fim de orientá-lo nos dias propícios à realização dos seus empreendimentos e indicar-lhe quais os dias em que se deverá abster de tomar decisões importantes.

Envie 5$00 em selos do Correio ao Astrólogo Leiria, Calçada da Estrela, n.º 241-1.º, Lisboa, e receberá esta utilíssima Agenda.

Palestra Profissional dos C.T.T. EM FARO

No passado dia 11 do corrente esteve em Faro o sr. Eng. Luís Albuquerque Couto dos Santos, Correio-Mor, que veio assistir a uma palestra profissional, feita pelo sr. Francisco de Moura Junior, Chefe de Serviços dos C.T.T.. A sessão, que se realizou pelas 21,30 horas no salão nobre da Câmara Municipal de Faro, foi presidida pelo sr. Governador Civil e assistiram S. Ex.ª Rev.ma D. Francisco Rendeiro, Bispo Coadjutor da Diocese, as entidades oficiais, os srs. João Baptista Telles Lacerda, Chefe dos Serviços de Exploração do Algarve, Eng. António Lopes Junior, Chefe dos Serviços Técnicos do Algarve, todos os funcionários dos C.T.T. do Algarve e muitas pessoas.

A palestra profissional foi muito apreciada, tendo o sr. Francisco Moura Junior nela realçado o grande papel das senhoras funcionárias dos C.T.T.

No final da palestra, o sr. Correio-Mor agradeceu às entidades oficiais do distrito as facilidades concedidas e à assistência a gentileza da comparência naquele acto.

Encerrou a sessão o sr. Governador Civil com palavras elogiosas para os C.T.T. pela sua excelente acção na nossa província.

Agradecimento

A família de Adelina Rosa Pereira vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada e, bem assim, a todas aquelas que por qualquer forma lhe testemunharam o seu pesar.

Automóvel "Standard"

Vende-se, em perfeito estado de conservação. Consome 7 litros aos 100.

Tratar com J. L. Silva, Rua Serpa Pinto, 86 — Faro.

OS C. T. T., serviços públicos a que rendemos as nossas homenagens pela sua organização, entregar-lhe-ão no seu domicílio, sem mais trabalho, os bilhetes que pedir à Rua dos Fanqueiros, 221, 2.º, em Lisboa, para o

37.º Sorteio promovido pela

Comissão de Propaganda de

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

o qual se realizará em 6 de Janeiro de 1954 e compreende os seguintes prémios, ricos de valor material e de utilidade:

1.º — 1 automóvel «Hudson», modelo Super-Jet
2.º — 1 automóvel «Taunus 12 M» Tudor
3.º — 1 automóvel «Fiat», modelo «Novo 1.100»
4.º — 1 automóvel «Austin A 30»
5.º — 1 motocicleta «Norton» ES 2, de 500 cc.
6.º — 1 motoscooter «ISO», com 2 selins
7.º — 1 motoscooter «Lambreta» 125 cc., modelo LD
8.º — 1 Scooter «Cityfix» mod. 51 M, com motor Lutz
9.º — 1 automóvel «Austin Jor» para criança
10.º — 1 bicicleta «Flecha» para rapaz

400 meias libras de ouro, cabendo uma a cada um dos 20 números antecedentes a cada prémio e outra a cada um dos 20 números posteriores

Preço de cada bilhete: de 5 números 10$00 / de 12 » 20$00

Fazer acompanhar os pedidos da respectiva importância: a dos bilhetes e a dos portes do correio, para uma remessa rápida.

Cardoso Cabeleireiro

Apresenta as últimas criações em penteados e nas cores da moda.

Cuivré, cendré, acajou e Platine

Desfrisa cabelos pelo novo método.

Instituto de Beleza Cardoso

TELEFONE 180

Terreiro do Garção, 2-1.º — TAVIRA

HELOISA 19 RUBIS

COM CERTIFICADO DE ORIGEM

O único relógio que reune todas as vantagens, porque possue todas as peças do movimento do mesmo fornecidas pela fábrica, assistência técnica assegurada e substituição de qualquer peça mesmo em caso de acidente, gratuitamente durante um ano.

A máquina mais perfeita da indústria suiça

N. B. — Quando comprar exija o respectivo certificado de garantia, mesmo em caso de acidente.

Ourivesaria Gonçalves

TAVIRA

Já V. Ex.as provaram o vinho da marca

NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, porque certamente passará a ser o vosso Vinho preferido.

Delicioso em aroma e paladar

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado

"NAMORADO"

é a marca registada da firma **J. A. Pacheco**, de Olhão

Avenida da República, 202

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto
Árvores florestais
Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

MOREIRA DA SILVA & F.os, Ld.a

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

LINHA BRANCA

Um grande filme de Luigi Zampa

MESTRE Luigi Zampa tem o condão de dar aos seus filmes um puro idealismo dentro do mais duro realismo. Basta recordarem-se de «Toque a rebate» e de a «A Zaragateira» para confiarem na afirmação. Pois, sob o signo quadrangular da Lux romana, dirigiu «Linha Branca», que tem sido acolhida em todos os países como um dos padrões mais altos do neo-realismo.

Até no Japão esta película obteve elevada classificação da crítica, que no jornal «Osaka» escreveu: «Linha Branca» anuncia a existência de uma paz verdadeira entre os dois mundos e aconselha os homens para a senda do amor fraterno e humano».

Gina Lollobrigida, a principal intérprete de «Linha Branca»

Luigi Zampa, que iniciou a sua actividade em 1938, logo após ter cursado o Centro Experimental de Cinematografia de Roma, detém a maior parte dos prémios internacionais que o filme italiano tem obtido.

Para «Linha Branca» (Cuori senza frontiera), escolheu um cast notável a todos os títulos e onde figura Enzo Staiola, que já não víamos desde «Ladrões de Bicicletas».

Ao lado de Staiola, a bela e inteligentíssima Gina Lollobrígida continua a afirmar aos quatro ventos que o talento e a formosura podem andar juntos.

E ao lado destes dois nomes brilha um outro que, tendo entrado na vida artística há tão pouco tempo, é hoje um dos mais cotados actores italianos — Raf Vallone.

Este artista, que foi o sargento de «Arroz amargo», emprestou depois a sua máscara expressiva ao voluntarioso operário de «O caminho da esperança» e ao protagonista humaníssimo de «Não há paz entre as oliveiras». Mas em «Linha Branca», Raf atinge a perfeição no desempenho de um papel de homem generoso e bom, o que consegue não apenas pela sua afinidade física mas por uma identidade espiritual, viva e presente em todas as suas interpretações. Portanto, de novo o Raf Vallone de «Anna».

36 anos tem este rapagão que nasceu em Tropea, na Calábria, e que aos 14 já ganhava mil liras na equipa de júniores do malogrado Torino.

Licenciou-se depois em filosofia e ingressou no jornalismo onde, depois de ter dirigido a parte literária, se especializou na crítica cinematográfica. Uma sua referência a uma película de De Santis deu origem a que este procurasse o crítico na redacção do jornal e a conversa prolongou-se pela tarde fora e continuou durante o jantar, que ambos procuraram num restaurante próximo. No fim da noite, De Santis, subjugado pela preparação cultural e artística do jornalista e também pela maleabilidade da sua expressão fisionómica, convida-o a participar no elenco do seu filme seguinte e foi por isso que o vimos em «Arroz amargo».

Hoje, depois de ter contracenado com os nomes mais fulgurantes do cinema italiano, depois de ter atravessado as fronteiras e ter interpretado filmes no estrangeiro, depois de ter sido dirigido por realizadores famosos, coube-lhe a sorte de trabalhar sob a orientação de um mestre do neo-realismo, Luigi Zampa, nesse tão celebrado «Linha Branca» que agora nos será dado ver.

CASA

Vende-se, na rua Almirante Reis, n.º 158, com frente também para a rua Roque Féria, desta cidade. Dirigir propostas a Júlio Cordeiro Peres, Monchique, ou ao solicitador Sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira, Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 3, em Tavira.

Agradecimento

A família de Maria da Conceição Vaz vem, por este meio, agradecer a todos os que a acompanharam à sua última morada e, simultâneamente, participar às pessoas amigas que, no dia 27, pelas 9 horas, se realiza na igreja de Santa-Maria desta cidade, uma missa de sufrágio por sua alma.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Pela Cidade

Data de 11 de Novembro — A data solene do armistício foi comemorada nesta cidade.

Pelas 11 horas, o sr. Major Orlando Luís de Oliveira, Comandante Militar de Tavira, acompanhado dos oficiais e sargentos do Centro de Instrução de Infantaria, depôs um ramo de flores na base do Monumento àos Mortos da Grande Guerra, erigido na Praça da República, gesto que foi seguido pelo sr. Capitão José Inácio da Conceição e por um Sargento, como representantes da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

No momento em que se procedia a esta cerimónia, um clarim do C. I. I. tocou a marcha de continência, tendo todos os presentes guardado dois minutos de silêncio em sinal de sentimento por aqueles portugueses que, de 1916 a 1918, tombaram na França e em África em holocausto da Pátria.

●

Mudanças de Clubes — O Ginásio Clube de Tavira dentro de breves dias, mudará as suas instalações para o prédio onde, até há pouco, funcionou o Externato Santa Maria (antigo Colégio Tavirense).

Por sua vez, o Clube Recreativo Tavirense vai mudar-se para o prédio onde até aqui tem estado instalado o Ginásio.

✦

Matinée na Sociedade Orfeónica — Abrilhantada por uma excelente orquestra, realiza-se no próximo domingo, dia 22 do corrente, pelas 15 horas, uma matinée na Sociedade Orfeónica de Amadores de M. e Teatro.

●

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da Semana:

Hoje, apresenta, em duas sessões: Matinée, às 15 horas. Espectáculo para crianças com mais de 6 anos.

Soirée, às 21 horas.

Espectáculo sem classificação especial para indivíduos com mais de 13 anos.

A reposição do mais lindo e do mais maravilhoso filme do mundo, um verdadeiro encanto para todos os sentidos, agora em versão portuguesa pelo mesmo processo de «A Gata Borralheira»: «Bambi», de Walt Disney.

Um filme que causa a maior felicidade, o maior deleite e as maiores emoções mercê das deslumbrantes cenas: O nascimento de Bambi; O espirituoso coelhinho ensinando a vida ao pequeno bambi; As lições doutorais do sábio mocho.

Um espectáculo que enobrece os sentimentos.

Em complemento: Victor Mature, Lucille Ball, Lizabeth Scott, Tonny Tufts e Lloyd Nolan em «Morrendo para Viver». Uma história que nunca havia sido contada. O filme mais emocionante do ano que tem o campo de jogos por cenário. Dois grupos estão frente a frente para a grande batalha desportiva... Um deles, em vez de 11, tem 12 jogadores... E esse 12.º jogador é a Morte.

Quinta-feira, Espectáculo sem classificação especial para indivíduos com mais de 13 anos. «Louca por Amor», com Aurora Bautista, Fernando Rey, Sara Montiel e Jorge Mistral. O filme espanhol que obteve o 1.º Prémio da Cinematografia. A tragédia amorosa de Joana, a Louca e de Filipe, o Formoso. O amor e os ciúmes numa luta intensa até à loucura. A rainha que fez da realidade da sua vida poesia de lenda. O mais puro amor enegrecido pelo fumo do inferno: os ciúmes. Um filme histórico, 1.º Prémio da interpretação feminina atribuído a Aurora Bautista.

Será exibido nesta noite outro grande filme espanhol com os célebres artistas Amparito Rivelles, Jorge Mistral, Manuel Luna e Eduardo Fajardo.

A «Rainha da Serra Morena», a mais vibrante evocação do banditismo andaluz, com as suas lutas, grandezas e tragédias. Valente, astuto e enamorado o bandido andaluz sempre conquistou o coração do povo.

✦

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

GAZETILHA

Convite à Valsa

Um convite à inscrição
Pra cantar no Orfeão
É uma coisa de respeito;
Pra quem já anda abalado,
Nem mesmo muito apertado
Jamais dá o dó de peito.

Pela consideração
Que tenho plo Orfeão,
Procurarei ir cantar;
Mas, porque faço banzé,
Desafino ao lamiré,
Sou difícil de enaipar.

Se houver por lá raparigas,
Esqueço um pouco as fadigas
E enfim, sempre irei cantando,
Com peças de envergadura...
Pra não fazer má figura
Nos baixos... vou-me aguentando.

Eu conheci um fulano
Que se dizia soprano
E, afinal, caiu de borco;
Por fazer tanta algazarra,
Rebentou como a cigarra
E só dava o ré de porco...

Como sou cantor da rua,
A minha voz desvirtua
Ao penetrar nos salões;
Vou fazer um grande frete,
Porque só canto em falsete
A Rosinha dos Limões.

Receio em começar,
Pois, se começo a berrar,
Sem ter compaixão nem dó,
Perco o mestre e a batuta,
E essa gente que me escuta
Tem que gritar: ai... oh!...

ZÉ DA RUA

Major Orlando Luís de Oliveira

Veio à nossa Redacção apresentar cumprimentos de despedida o nosso prezado amigo sr. Major Orlando Luís de Oliveira, que, desde Março, com bastante competência e brio militar comandou o Centro de Infantaria, desta cidade.

Por ter terminado a sua comissão de serviço, o sr. Major Orlando de Oliveira retirou para Évora, tendo deixado em todas as pessoas que com ele privaram a melhor das simpatias.

Fazemos votos pelas suas prosperidades e agradecemos a sua gentileza.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNÓSTICO-TOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS — ONDAS CURTAS — ULTRA-SONS

Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS

FARO — PORTIMÃO tefs. 368

Vida Desportiva

Campeonato Nacional da II Divisão

Zona C

Na oitava jornada deste campeonato, que se realizou no passado domingo, os algarvios foram tocados pela asa do infortúnio e, assim, os resultados foram 3 derrotas e 1 empate.

O Portimonense, que se deslocou a Montemor, perdeu por 2-0. O Olhanense, em Beja, perdeu com o Desportivo por 1-0. Dos que jogaram em casa, só o Farense conseguiu empatar por 1-1 com o Juventude, numa partida emocionante, em que algarvios e alentejanos jogaram com equilíbrio.

Ambos se mostraram excelentes na defesa, pelo que criaram embargos às conduções das avançadas.

O Estádio de S. Luís registou a maior enchente dos últimos tempos e a arbitragem, a cargo do sr. Luís Magalhães, foi magnífica, procurando sempre evitar confusões e diminuir a boa marcha das jogadas.

Em Vila Real de Santo António, o Lusitano recebeu a Cuf do Barreiro, com quem perdeu por 2-1.

Neste contacto entre algarvios e alentejanos, nota-se que o futebol alentejano não tem diminuído de nível.

Hoje, realizam-se no Algarve os seguintes encontros: Portimonense-Farense; Lusitano-Luso e Olhanense-Montemor.

Todo o interesse do público vai para este último jogo. Muito embora o Montemor seja o mais classificado desta Zona, o Olhanense, jogando em casa, é um adversário temível e tudo pode acontecer.

A classificação actual é a seguinte:

CLUBES	J	V.	E.	D.	P.
Montemor	8	7	1	—	15
Portimon.	8	5	1	2	11
C. U. F.	8	5	1	2	11
Olhanense	8	5	—	3	10
Farense	8	4	2	2	10
Juventude	8	3	3	2	9
Beja	8	3	1	4	7
Almada	8	3	1	4	7
Montijo	8	3	—	5	6
S. Domin.	8	2	—	6	4
Lusitano	8	1	1	6	3
Luso	8	1	1	6	3

Acto Eleitoral

As percentagens apuradas no último acto eleitoral realizado no Algarve foram as seguinte:

Concelhos	Inscritos	Percentagem
Albufeira	1.813	77,9
Alcoutim	796	77,7
Aljezur	1.050	72,5
Castro Marim	1.453	80,1
Faro	4.430	67,3
Lagoa	1.648	81,5
Lagos	2.171	66,1
Loulé	6.053	80,2
Monchique	1.213	75,4
Olhão	3.948	64
Portimão	2.433	72,9
S. Brás de Alp.	1 825	77,5
Silves	3 302	66,7
Tavira	2.462	76,3
Vila do Bispo	1.683	77,4
V. R. Sto. António	1.744	79,5

Vende-se em Castro-Marim

Prédio, de construção antiga, composto de 1.º andar, vago; 5 armazéns, em parte, também, vagos; e 2 grandes quintais, com dependências, poço e forno e entrada própria; tendo aquele 7 janelas e 11 amplas divisões. Sito na R. João da Guarda Cabreira, junto e disfrutando linda vista para o histórico Castelo e imponente rio Guadiana. Dirigir-se ao Dr. António Cabreira, R. das Taipas, 40, 1.º — Lisboa.